

**no 25º aniversário da sua morte (16.04.1995)**



Pe. Gaspar,  
*um padre incómodo*

# O modo

“Sou de origem pobre, mas não foi a família que influenciou a minha opção pelo mundo do trabalho”, escreveu o Pe Gaspar. A formação que o Seminário Maior lhe dedicou, de 1963 a 1969, — disse também ele — marcá-lo-ia, e muito! Duas figuras ampararam seguramente o seu filho: D.rs Narciso Rodrigues, um homem da Ação Católica Operária, e Albino de Carvalho Moreira, um homem que “se dispôs a escutar os apelos de Deus, do Mundo e da Igreja”. Ainda na sua formação, colaborou muito o Concílio Vaticano II que terminara em 1966. Gaspar foi ordenado presbítero em 1971.

Desde logo, os pobres, os trabalhadores e o mundo do trabalho, a pastoral operária, capelão militar da guerra colonial em Angola, o regresso a Portugal e o desastre da Comunidade do Padrão da Légua, a Teologia da encarnação e a Doutrina Social da Igreja arrastaram-no a “entrar no mundo do trabalho, o mundo concreto e real para, assim, deixar de ser olhado como homem da religião do templo, e a minha relação com as pessoas poder fazer-se a partir do concreto do quotidiano de cada um, o que é mais libertador e evangélico”. Mas o distribuidor profissional de alimentos não abandonou nem a pastoral possível, nem o estudo, nem a escrita.

“O Padre Gaspar foi um padre incómodo. Eu costumo dizer que um padre, um bispo que não é incómodo, que deixe de ser padre, que deixe de ser bispo”, disse D. Martins, bispo de Setúbal no seu funeral.

E Gaspar assim fez. Depois de ter gemido na Véspera Pascal que “Deus está a puxar demais pela corda! Está-me a custar muito morrer!”, morreu mesmo na manhã do dia seguinte, o da Páscoa de 1995.

*Arlindo de Magalhães*



## o anúncio de Jesus

*Foi na Páscoa de 1995, há 25 anos: a passagem do Pe. Gaspar, após uma vida mergulhada no mundo do trabalho, guiado pelo Evangelho de Jesus. Este texto sobre o Reino de Deus foi escrito para utilizar em Catecumenado de Adultos. Acaba por ser o mais completo que escreveu sobre o Reino de Deus e faz parte de uma série de catequeses com o título genérico de «Jesus: quem é?».*

**T**endo em conta as possíveis opções de Jesus face ao mundo do seu tempo, e dado que ele não escolheu nenhuma das possibilidades oferecidas às opções das pessoas, podemos perguntar então que é que Jesus queria, que é que ele veio fazer, por que é que Jesus lutou, em que é que se empenhou, o que quis?

Não se anunciou a si mesmo. Nem chegou triunfalmente, dizendo: «Eu sou Deus, o Filho de Deus, o Espírito de Deus. Vim porque o fim do Mundo está perto! Feliz aquele que agora me adorar!» (Orígenes, *Contra Celso*).

Jesus anuncia o Reino de Deus que está iminente: “Converti-vos porque o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). É preciso vermos o que quer dizer Reino de Deus, porque pode querer dizer coisas diferentes, conforme as pessoas. Todos aceitam que Reino de Deus significa soberania de Deus sobre o Mundo.

Mas não é apenas a soberania de Deus que os sacerdotes do Templo anunciavam como tendo sido instaurada no princípio da Criação: é o Reino de Deus dos tempos finais que estão iminentes! Não é a soberania de Deus manifestada num domínio político-religioso ao jeito dos zelotes: será estabelecido pacificamente e começava no interior o homem. Não é um

juízo de vingança favorável apenas a uma elite de perfeitos moralmente, como o pensavam os fariseus ou os monges de Qumram: é a abundância da Graça de Deus em favor de todos, mas sobretudo dos perdidos e dos miseráveis. Nem sequer somos nós que o fazemos vir (como pensavam também judeus fariseus e monges de Kumram): é da iniciativa gratuita de Deus.

Jesus o proclamou não com muitas teorias, mas através de comparações simples, as parábolas. Através delas e das suas atitudes, Jesus foi dizendo que tipo de Reino vinha anunciar:

- um Reino em que os homens virão a ter a plenitude de tudo, em que qualquer dívida será perdoada e todo o mal será vencido;
- um Reino em que os pobres, os famintos, os aflitos, os oprimidos, poderão enfim levantar a cabeça; acabarão também a dor, o sofrimento, a morte;
- um Reino difícil de descrever: falam melhor dele as parábolas da Nova Aliança, da semente que germina, da seara madura, do grande banquete, da festa real;
- um Reino de justiça completa, liberdade total, de amor a toda a prova, de reconciliação universal, de paz eterna.

E é neste sentido que falamos que o Reino de Deus será um tempo de salvação, tempo de plenitude, tempo da total presença de Deus: este será o Futuro! É para aí, para ele, que tudo caminha!

Jesus anunciou este Reino para muito próximo. É verdade que acreditamos que este Reinado de Deus sobre o Mundo começou com Jesus. Mas não se realizou definitivamente. Os primeiros cristãos, na continuidade de Jesus, também esperavam o aparecimento do Reino para os anos da sua vida. E o Reino não veio na sua plenitude. Enganaram-se. Havia uma perspectiva histórica errada. Em Jesus também

parecia haver esta perspectiva histórica errada. Mas Jesus não podia errar? A Carta aos Hebreus diz que ele é igual a nós em tudo exceto no pecado; e o Concílio Vaticano II reprovou um texto proposto em que se pretendia dizer que Jesus é igual a nós em tudo exceto no pecado e na ignorância. O que significa que a Igreja admite que Jesus possa ter sido vítima da ignorância como os homens, segundo os conhecimentos científicos do tempo.

Ora, a verdade é que Jesus admitia a narrativa da criação do mundo como se ela fosse histórica, como toda a gente até há bem pouco admitia. Mas, apesar de haver um erro histórico, ela não deixa de ser verdadeira: Deus esteve no início da História do Mundo; o que significa que o passado pertence a Deus. Também no que respeita ao fim dos tempos, apesar de ter havido um erro de perspectiva histórica (Jesus estava inserido

no contexto dos apocalipses judaicos), não deixa de haver também verdade: o Futuro pertence a Deus, apesar de não sabermos como é que ele vai acontecer, as formas científicas e históricas do seu aparecimento. Neste aspeto, tanto como para os primeiros tempos, é preciso desmitizar os últimos tempos, para não cairmos em erros históricos e sabermos destringer o que é verdade teológica e verdade histórica! Não confundir!

Aceitar que Deus está no nosso Futuro, no Futuro do Mundo, implica que se estabeleça uma tensão entre o presente e o Futuro, pois que o presente é uma preparação para o Futuro. É aqui que se enquadra a conversão. Dois aspetos:

— Este Mundo de hoje é imperfeito, está cheio de contradições e de injustiças, de males de toda a ordem. Está repleto de desumanidade, para *[poder]* ser aquilo que nós esperamos: a realização do homem todo e de todo o homem. Isto é: nós vivemos em tensão para o Futuro, acreditando que aquilo que Jesus começou, também ele o levará a seu termo, acabando a obra iniciada. Nele tudo será consumado, quando todas as coisas atingirem a unidade em Cristo.

— Mas é muito importante que o Futuro não nos aliene. Não vivemos apenas para o Futuro como se o presente não existisse. O Futuro remete-nos para o presente a fim de o transformarmos e irmos, desta forma, preparando e apressando o seu acontecer. O mundo presente deve ser não só interpretado em função do Futuro, mas deve ser transformado em função do Futuro, já que Jesus não veio ensinar uma teoria sobre como interpretar o Mundo e o Homem, mas ensinar a transformar o Mundo e o Homem: criar o Homem Novo que todos ansiamos.

«O que Jesus pretendia? Jesus quer um Homem Novo, diferente, com uma orientação

totalmente nova, com uma mudança radical da sua consciência, com um novo pensamento e uma nova ação. Mas isto temos nós ouvido muitas vezes dizer. Que significam estas expressões?

1. Jesus quer um Homem que sirva apenas ao Deus Iavé, o único Deus verdadeiro! Por isso não pode servir a dois senhores. Nem ao dinheiro, nem às honras. Nem mesmo aos pais quando estes aparecem como concorrentes de Deus. Neste campo reina a espada e não a paz. Por isso se impõe uma conversão ao Senhor como único Senhor. Metanoia = conversão: transformação da vontade e adesão a uma outra escala de valores, os valores de Iavé.

2. Deus quer o Bem do Homem. Não apenas o bem imediato, mas o Bem de todo Homem; Deus quer a Dignidade do Homem, a grandeza do Homem, isto é, a realização total do Homem, a sua

Salvação! Foi isto que Jesus veio anunciar. Deus não é visto por Jesus sem o Homem nem, muito menos, contra o Homem, mas ao seu lado. Por isso, não se pode, depois de Jesus, ser piedoso (= estar ao lado de Deus) e ao mesmo tempo ser desumano (= contra o Homem).

3. Tudo é relativizado em favor do bem do Homem: a Lei, o Templo e os ritos culturais, o ascetismo do jejum, o cumprimento do sábado... O Homem, depois de Jesus, passa a ser a medida da Lei e não a Lei a medida do Homem! Para conseguir estes objetivos, Jesus torna-se tremendamente combativo.

4. Amar a Deus com todo o coração e ao Próximo como a nós mesmos. Sem ser a mesma coisa, amar a Deus e ao Próximo, estes dois objetos do amor não se confundem como se fossem a mesma coisa, mas também não se opõem. Podemos dizer que, depois de Jesus, ambos os objetos do amor exigem: amar a Deus exige que amemos o Próximo e, vice-versa, amar o Próximo exige que amemos a Deus. Os homens não se amam apenas porque se ama a Deus: são amados por si mesmos, por aquilo que valem! Próximo é aquele que precisa de mim.

5. Jesus insiste na importância de amar os próprios inimigos, preceito que ninguém mais tinha ousado pronunciar. O amor não tem fronteiras, porque Deus também ama todos os homens. Por isso enuncia a regra de ouro, tanto na sua formulação negativa (“não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”) [1] como na positiva (“faz aos outros aquilo que quiseres que te façam a ti!”)».

[1]. O que efetivamente não é verdade, pois que a regra de ouro, na sua formulação negativa, não aparece na boca de Jesus: é uma formulação rabínica anterior ao Novo Testamento.

Texto publicado em Arlindo de Magalhães,  
*Padre Gaspar. A via do trabalho e da pobreza. Coimbra 1998.*

<https://serradopilar.com/o-anuncio-de-jesus/> (05.04.2020)

***Conheci esse admirável padre-operário [Pe. Gaspar] que a doença levou. Deixou um extraordinário testemunho, que D. António Ferreira Gomes não conseguiu entender.***

In *Padres-operários e Quaresma*. Frei Bento Domingues, op. Público, 21.02.1999

# Voltar à Galileia

**O**S EVANGELHOS RECOLHERAM A MEMÓRIA DE UMAS MULHERES ADMIRÁVEIS que, ao amanhecer de sábado, se aproximaram do sepulcro onde foi enterrado Jesus. Não o podem esquecer. Continuam a ama-Lo mais do que a ninguém. Entretanto, os homens fugiram e permanecem talvez escondidos.

A mensagem que escutam ao chegar é de uma importância excepcional. O evangelho de Mateus diz assim: *«Sei que procurais Jesus, o crucificado. Não está aqui. Ressuscitou, como disse. Vinde ver o sítio onde jazia»*. É um erro procurar Jesus no mundo da morte. Está vivo para sempre. Nunca o poderemos encontrar onde a vida está morta.

Não temos de O esquecer. Se queremos encontrar Cristo ressuscitado, cheio de vida e força criadora, não temos de procura-Lo numa religião morta, reduzida ao cumprimento externo de preceitos e ritos rotineiros, numa fé apagada que se sustenta em tópicos e fórmulas gastas, vazias de amor vivo a Jesus.

Então, onde o podemos encontrar? As mulheres recebem este encargo: *«Ide de seguida dizer aos discípulos: “Ressuscitou de entre os mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Ali o vereis”*». Porque tem de se voltar à Galileia para ver o Ressuscitado? Que sentido profundo se encerra neste convite? Que se pretende dizer aos cristãos de hoje?

Na Galileia escutou-se, pela primeira vez e em toda a sua pureza, a Boa Nova de Deus e o projeto humanizador do Pai. Se não voltamos a escutá-Lo hoje com o coração simples e aberto, alimentamo-nos de doutrinas veneráveis, mas não conheceremos a alegria do Evangelho de Jesus, capaz de «ressuscitar» a nossa fé.

Além disso, na margem do lago da Galileia foi-se formando a primeira comunidade de Jesus. Os Seus seguidores vivem junto Dele uma experiência única. A Sua presença preenche tudo. Ele é o centro. Com Ele aprendem a viver acolhendo, perdoadando, curando a vida e despertando a confiança no amor insondável de Deus. Se não colocamos quanto antes Jesus no centro das nossas comunidades, nunca experimentaremos a Sua presença no meio de nós.

Se voltamos à Galileia, a «presença invisível» de Jesus ressuscitado adquirirá traços humanos ao ler os relatos evangélicos, e a Sua «presença silenciosa» recobrará voz concreta ao escutar as suas palavras de alento.

JOSE ANTONIO PAGOLA (*Páscoa de Ressurreição – A (Mateus 28,1-10)*)



*Aparição de Cristo a Maria Madalena depois da ressurreição*  
de Alexander Andreyevich Ivanov (1835)

# PÁSCOA

Um dia de poemas na lembrança  
(Também meus)  
Que o passado inspirou.  
A natureza inteira a florir  
No mais prosaico verso.  
Foguetes e folares,  
Sinos a repicar,  
E a carícia lasciva e paternal  
Do sol progenitor  
Da primavera.  
Ah, quem pudera  
Ser de novo  
Um dos felizes  
Desta aleluia!  
Sentir no corpo a ressurreição.  
O coração,  
Milagre do milagre da energia,  
A irradiar saúde e alegria  
Em cada pulsação.

Miguel Torga, in *Diário XVI*